

**Receção do neorrealismo literário português no ambiente checo
da Checoslováquia através das traduções**
**The reception of Portuguese literary neorealism in the Czech landscape
of Czechoslovakia through translations**

KAROLINA VÁLOVÁ¹

Resumo: O artigo tenta mapear as relações checo-portuguesas e a receção da literatura neorrealista portuguesa no ambiente checo, desde os anos 50 até à atualidade, através da análise de dicionários literários, de textos para o ensino superior e, sobretudo, de epílogos dos livros traduzidos dessa corrente artística.

Palavras-Chaves: Neorrealismo português; realismo social; traduções; receção; relações checo-portuguesas.

Abstract: The article tries to map Czech-Portuguese relations and the reception of Portuguese neorealist literature in the Czech environment from the 1950s until nowadays through the analysis of literary dictionaries, texts for higher education and especially the epilogues of books translated from this artistic current.

Keywords: Portuguese neorealism; social realism; translations; reception; Czech-Portuguese relations.

¹ Departamento de Estudos Românicos, Faculdade de Letras, Universidade Carolina, Praga.

Entre os anos 50 e 70 foram traduzidos e publicados muitos livros de autores neorrealistas portugueses. O artigo tenta mapear a receção da literatura portuguesa neorrealista no território da República Checa, uma das duas partes da antiga Checoslováquia. Portugal, com o regime autoritário nacionalista de Salazar, e a República Checa, com o regime comunista, entre os anos 50 e 70, estavam em polos opostos do espectro político e os seus laços culturais foram muito limitados. A literatura portuguesa neorrealista no seu início visou a ótica marxista, interessou-se pelas questões sociais e do processo socioeconómico instável e foi bem recebida pelo regime checo. É possível encontrar paralelismos com o realismo social proclamado em todo o antigo Bloco de Leste.

1. Situação sociocultural checa depois da Segunda Guerra Mundial

Na época de transformações após a Segunda Guerra Mundial, em 1948, ocorreu um golpe comunista na Checoslováquia, que também deformou a sociedade e a literatura. O sindicato de escritores checos excluiu das suas fileiras os protagonistas da literatura legionária, os surrealistas e os poetas católicos. Concordando com o livro *Os problemas teóricos do realismo socialista*, de Andrej Nikola-jevič Ijezuitov, «dividimos essa época em três grandes partes» (p. 149). A primeira parte abrange os anos entre 1948-1955, a segunda parte abrange os anos 1956-1968 e a terceira

parte abrange a época desde 1968, a assim denominada Normalização, até ao ano de 1989, quando ocorreu a Revolução de Veludo, que significou o fim do regime comunista.

A primeira época caracterizou-se por uma forte censura e muitas proibições. Foram proibidos alguns jornais, como, por exemplo, o *Lidové Noviny*, ou não se podia publicar a literatura moderna europeia e norte-americana. Muitos livros desapareceram das bibliotecas públicas. E, sobretudo, foi lançado o realismo socialista como o estilo artístico recomendado. «O realismo socialista surgiu a partir do início do século xx, foi definido como a direção da arte e o método criativo das artes e da literatura» (Ijezuitov, 1986: 35).

O realismo socialista foi o estilo artístico oficial da União Soviética entre as décadas de 1930 e 1960, aproximadamente. Foi, na prática, uma política de Estado para a estética em todos os campos de aplicação da forma, desde a literatura até o *design* de vários produtos de uso doméstico, incluindo todas as manifestações artísticas e culturais soviéticas como a pintura, a arquitetura, a música, o teatro e o cinema.

O termo «realismo social» foi proferido pela primeira vez pelo escritor e ativista russo Máximo Gorkij, em 1934, durante o Primeiro Congresso dos Escritores Soviéticos. O realismo socialista foi diretamente associado ao comunismo ortodoxo e aos regimes de orientação ou inspiração estalinista. Foi ado-

tado e aplicado em muitos países europeus, em países asiáticos, como a China ou o Camboja, ou em países latino-americanos, como Cuba ou a Nicarágua.

O principal período do realismo socialista na literatura checa situa-se entre os anos 1934-1956. Este período tem duas fases distintas, a fase pré-guerra, caracterizada como não dogmática e de valor de produtivo, e a fase da década de 1950, que surge como esquemática, convencional e de valor destrutivo.² (Janáček, 2007: 16)

As características principais do primeiro período do realismo socialista checo foram especialmente generalizadas pela repressão. A política cultural soviética foi dogmática e acriticamente aceite. Os textos foram publicados sob o signo de um certo patetismo, muito modernos foram os romances tendenciosos e os poemas de propaganda e de glorificação como, por exemplo, a *Canção da paz* (*Zpěv míru*, 1950), do poeta checo Vítězslav Nezval. A função estética da literatura foi fortemente suprimida, bem como o respeito pela individualidade criativa.

No segundo período, entre os anos 1956-1968, há uma tentativa de amnistia comum a presos políticos e uma reabilitação ilusória. Em 1956,

ocorreu o Segundo Congresso de Escritores Checos, onde os poetas mais importantes, František Hrubín e Jaroslav Seifert, realizaram uma palestra veemente. Tentaram proclamar o direito à experiência pessoal, a libertação artística e a desobediência aos dogmas. Foi uma época de desenvolvimento de jornais e revistas. Muito importante, o Estado começa a apoiar traduções de várias línguas e de várias literaturas, incluindo a norte-americana. Por outro lado, as obras são selecionadas segundo um ponto de vista ideológico e a censura continua a funcionar como antes. Por exemplo, são lançadas só algumas obras escolhidas do escritor famoso da época anterior à Segunda Guerra Mundial, Karel Čapek, depois considerado um pilar da literatura clássica checa. Os planos das editoras são influenciados ideologicamente. Reconhece-se uma tendência para a democratização do regime comunista e verificam-se certos esforços para revitalização da sociedade checa. No ano de 1967, realiza-se o IV Congresso de Escritores Checos, no qual participam escritores antirregime, como Milan Kundera e Václav Havel. Neste período, encontramos as traduções iniciais da literatura portuguesa neorrealista.

Mas todos os esforços democráticos, culminando com a assim chamada Primavera de Praga (Pražské Jaro), terminaram no dia 21 de agosto de 1968 com a invasão da Checoslováquia pelas Forças Aliadas do Pacto de Varsóvia. Foram enterradas todas as tentativas de humanização e de democratização do regime.

==

² «Hlavní období socialistického realismu v české literatuře spadá do let 1934-1956. Toto období má dvě odlišné fáze, fázi předválečnou, která se charakterizuje jako nedogmatická a hodnotově produktivní, a fázi padesátých let, která se jeví jako schematická, konvenční a hodnotově destruktivní».

Alguns artistas e personagens da vida pública assinaram a declaração ilegal denominada *Charta 77*, que tinha uma abrangência nacional e também se repercutiu no estrangeiro. Os primeiros porta-vozes foram Václav Havel, Jan Patočka e Jiří Hájek. Através da *Charta 77*, exigiu-se a conformidade do governo ao modo contemporâneo da suas próprias leis, uma vez que se comprometera a respeitar a carta dos direitos fundamentais do homem e das liberdades. Os signatários foram perseguidos e presos, frequentemente obrigados a emigrar. Seguiu-se um período denominado A Normalização. O resultado foi a destruição de todos os periódicos não comunistas. No ano de 1970, foi lançado o «Índex», uma lista de livros proibidos. Seguiu-se a proibição da publicação de muitos autores como Milan Kundera, Václav Havel, Josef Škvorecký.

A Revolução de Veludo (Sametová Revoluce), em 1989, acabou com o regime comunista. A Checoslováquia torna-se um país democrático e conecta-se com as estruturas europeias.

A situação em Portugal na época do neorrealismo

O neorrealismo designa uma corrente artística, que surgiu nas primeiras décadas do século xx nas áreas da pintura, da literatura, da música e do cinema.

Durante a década de 1930, a Europa viu-se permeada por diferentes forças sociopolíticas e económicas que propiciaram o ger-

minar de ideias revolucionárias entre a sua intelectualidade. Embora Portugal se encontrasse parcialmente isolado e alienado dos conflitos mundiais mais graves, procurando acima de tudo reforçar suas bases internas de política e de governo estabelecidas com o golpe de 1926, ainda assim influências externas acabaram se tornando inevitáveis. As principais reivindicações de teor sociopolítico surgiram através da proliferação de revistas e jornais pelo país, registrando debates e argumentos que gerariam as primeiras formulações críticas e teóricas do «novo humanismo», cujo movimento literário receberia o nome de Neorrealismo. (Fitzgibbon, 2013: 2)

Corrente ideológica das artes com influência socialista, comunista e marxista, o neorrealismo ocorreu em diversos países europeus, tendo também influência no Brasil. O seu nome já indica a sua principal característica, ou seja, o realismo. Dessa maneira, os artistas neorrealistas estavam empenhados em criar uma arte voltada para a realidade e, portanto, para às questões sociais, culturais, políticas e económicas vividas pela sociedade.

No início, as prosas neorrealistas distinguiram-se pela escassez de qualidades estéticas, como proclamou Alves Redol no seu primeiro romance *Os gaibéus* (1939); o objetivo principal consistia mais em escrever um documento social do que produzir uma obra de arte. Outras características foram a ideologia marxista e anticapitalista, a temática social, económica e regional, com destaque para a

representação da luta de classes, sobretudo a burguesia contra o proletariado, a utilização da linguagem popular e regional, a vulgarização das personagens literárias.

Em 1936, Alves Redol, influenciado pela leitura de *A arte e a vida social* de Georgi Plekhanov, considerado então o pai do marxismo russo, profere uma palestra na conferência da Associação de Arte de Construção Civil em Vila Franca de Xira, intitulada «Arte», na qual o principal alvo de ataques foi o conceito presencista da «arte pela arte», ou da inutilidade da arte. [...] O argumento de Redol buscava uma conscientização da *intelligentzia* portuguesa, através da inversão do papel do artista. [...] A nova proposta colocada em pauta apresentava o artista, não mais acima ou ao lado dos acontecimentos com uma posição de observador alienado e intimista, mas transferia-o para o epicentro dos acontecimentos, passando a ter uma posição ativa superior e criando uma arte socialmente progressiva. (Fitzgibbon, 2013: 8-9)

O neorrealismo foi um movimento literário que, assentando num compromisso político-social, uniu, na década de 40, uma geração de que fizeram parte, entre outros, Alves Redol, Manuel da Fonseca, Afonso Ribeiro, Joaquim Namorado, Mário Dionísio, Vergílio Ferreira, Fernando Namora, Mário Braga, Soeiro Pereira Gomes ou Carlos de Oliveira, e que tendo como contexto histórico-social uma crise económica, a implantação dos sistemas

totalitários, inclusivamente o de Portugal, a Guerra Civil Espanhola e o início da Segunda Guerra Mundial, encontrou como elemento aglutinador determinante para a definição dos seus objetivos — em publicações como *Seara Nova*, *Sol Nascente* ou *O Diabo* — a polémica com os intelectuais da revista *Presença*, fechados, segundo os neorrealistas, num egoísmo e esteticismo estéreis. Formado no pensamento marxista, defendendo as concepções do materialismo dialético e rejeitando a concepção inócua do socialismo utópico de que fora imbuído o romance realista oitocentista, o neorrealismo colhe no romance norte-americano de Steinbeck, Caldwell ou Hemingway, e no romance brasileiro nordestino, os modelos para uma literatura de denúncia social e de intenção pedagógica, marcada pelo forte anseio de atingir uma transformação histórica que resultaria da consciencialização de um destinatário que deveria incluir o proletariado e o campesinato.

No domínio da ficção, encontramos um fio condutor em algumas características como o primado da objetividade, a tendência para a exteriorização, consumada pelo privilégio de certos espaços normalmente de inserção rural, a valorização de personagens de clara incidência socioeconómica, a representação dinâmica de processos de transformação histórico-social.

Durante esse período, Portugal vivia um contexto de agitação política com o advento do Estado Novo português, pautado pela

censura e pela repressão sob o governo totalitário de carácter fascista de António de Oliveira Salazar.

Esteticamente, havia a considerar ao mesmo tempo, na periodização das duas gerações, a passagem de um período de «aguerrida batalha pelo conteúdo em literatura» (Torres, 1977: 17), segundo a posição do próprio Alves Redol, a que era inerente uma batalha pela forma no alicerçamento de uma literatura acessível e consonante com as grandes massas, a um momento em que, sem uma necessária divergência de princípios ideológicos, e num contexto literário dominado por tendências antirrealistas, se reveem os princípios e as técnicas narrativas, se questionam os limites de uma literatura empenhada, alargando ainda o seu conteúdo à reflexão existencial, revisão essa que implicou a abertura de temas e de processos e que marcou, em alguns casos, uma inflexão na carreira de alguns escritores.

3. Relações políticas e culturais entre Portugal e a Checoslováquia

Um historiador checo, especialista nos países lusófonos, Jan Klíma, no seu livro *História de Portugal*, chama às relações recíprocas entre Portugal e a Checoslováquia de «cognição em conflito» (p. 241). As primeiras ligações diplomáticas tiveram lugar nos anos 20 do século xx. A Checoslováquia enquanto república democrática foi estabelecida em 1918, depois da queda de Império Austro-Húngaro. As atividades da Embaixada da Checoslováquia

em Lisboa foram descontinuadas em 1937, já durante a ditadura salazarista. Até ao final da Segunda Guerra Mundial, Portugal não teve embaixada em Praga, somente o consulado pertencente à embaixada em Berlim. Depois da guerra, as relações esfriaram ainda mais, porque o Governo checoslovaco declarou uma política fundamentalmente orientada pela União Soviética, que estava em completa oposição aos regimes fascistas na Europa e na América do Sul. Todos os assuntos portugueses daquela época foram administrados pelo Chargé d’Affaires em Paris.

A partir da metade da década de 50, no campo internacional, a Checoslováquia apresentou-se como inimiga do regime salazarista. A situação piorou-se com o apoio à anexação indiana de Goa ou com o fornecimento das armas para os nacionalistas nas colónias portuguesas africanas, como Moçambique ou Angola. No início da década de 60, a Checoslováquia tornou-se um país-modelo comunista. Por isso, recebeu muitos pedidos de asilo de pessoas estrangeiras que se sentiam ameaçadas na sua terra natal. Os líderes políticos da oposição antissalazarista visitaram Praga muitas vezes. Eram, na sua maioria, comunistas. Nos anos 1960-1961, Georgette Ferreira, do Partido Comunista Português (PCP), convalesceu em Praga, depois de uma estadia numa prisão portuguesa. O presidente do PCP, Álvaro Cunhal, visitou oficialmente a capital em 1962. Mas chegaram também os membros de outros partidos políticos, como

Humberto Delgado ou Mário Soares. Estes contactos, no caso da oposição dissidente direitista, sempre abrigados e escondidos, culminaram no apoio eficaz ao partido antissalazarista Frente Patriótica de Libertação Nacional. Esse partido teve o seu segundo congresso perto de Praga e foi realizado em condições ilegais, no início do ano de 1964. Humberto Delgado estava doente e submeteu-se a uma cirurgia a uma hérnia, em Praga, e a vários meses de tratamento.

Este momento parece ideologicamente adequado para avançarmos para a questão da literatura neorrealista portuguesa traduzida. No período em que ambos os Estados estavam em extremos opostos do espectro político, o lado checo tentou conhecer Portugal também através da literatura traduzida. Os tradutores mais importantes do período pós-guerra foram Milada Fliederová, Jakub Frey, Vladimír Haut, Hanuš Jelínek, Eugen Spálený, F. K. Růžička, Luděk Kult, Pavla Lidmilová e Josef Hiršal. Excepcionais e extraordinárias foram as numerosas traduções sensíveis de Zdeněk Hampl, filólogo lusófono licenciado e cientista literário, que utilizava às vezes o pseudónimo Zdeněk Hampejs.

4. Traduções checas da literatura neorrealista portuguesa

Ainda nos anos 40, a literatura portuguesa foi considerada um pouco exótica para os leitores checos. Não havia muitas obras traduzidas. O primeiro livro foi *Belkiss, Rainha*

de Sabá, d'Axum e do Hymiar (Belkiss, královna Sábbská, Axumská a Hymiarská) de Eugénio de Castro, traduzido por Arnošt Procházka, no ano de 1900. Dois anos depois, foi publicada a obra portuguesa mais famosa, *Os Lusíadas (Lusovci)*, numa tradução do poeta checo Jaroslav Vrchlický. Devemos que mencionar ainda as *Lettres portugaises (Portugalské listy)*, de Mariana Alcoforado, traduzidas em 1910, e alguns romances de Eça de Queiroz, que foram publicados entre anos 20 e 30. Nada mais. A situação foi causada também pela luta da língua checa com a língua alemã pela posição de língua oficial no fim do século XIX.

A primeira obra neorrealista portuguesa traduzida para o checo foi o livro *Porto Manso (Přístav Manso)*, de Alves Redol, publicado em 1949. No ano 1951 foi publicado o romance *Esteiros (Říční ramena)*, de Soeiro Pereira Gomes. A primeira edição, de 13.500 exemplares, esgotou. Mas temos que mencionar que o mercado não funcionava normalmente, do ponto de vista económico; era planeado centralmente pelo Estado. Os livros podiam ser distribuídos para as bibliotecas das pequenas cidades, etc. A segunda edição seguiu logo no próximo ano e foi complementada por um epílogo de Jorge Amado, o escritor regionalista brasileiro engajado que morou alguns anos na República Checa, especificamente no Castelo de Dobříš. Esse castelo foi utilizado pela União dos Escritores para os encontros ou as estadias residenciais de vários artistas. Dos estrangeiros aprovados

pelo regime, designamos, por exemplo, Nazim Hikmet, Nicolas Guillén, Boris Polevoj ou Dolores Ibarruri. Jorge Amado escreveu muitos epílogos para livros neorrealistas portugueses traduzidos para o checo.

No fim do ano 1951, foi publicada a tradução do livro *Fanga (Fanga)*, de Alves Redol. No ano 1958, foi publicada a tradução de *O trigo e o joio (Pšenice a koukol)*, de Fernando Namora e, principalmente, *Caminhada (Lisabonský příběh)*, de Leão Penedo, com o epílogo do tradutor Zdeněk Hampejs, com uma tiragem de 6000 exemplares. No epílogo foi extensamente explicado, pela primeira vez, o conflito entre os neorrealistas e os presencistas:

Leão Penedo é um dos mais destacados representantes do neorrealismo português, um movimento que se originou na década de 1940, em Coimbra, como reação contra o grupo literário em torno da revista *Presença*, lidando com questões exclusivamente psicológicas e metafísicas e ignorando os problemas sociais e nacionais do país.³ (Hampejs, 1958)

No ano 1963, foi publicada a tradução de *Quando os lobos uivam (Když vyjí vlci⁴)*, de AQUI-

lino Ribeiro. Um ano depois, o livro *O Suão (Krutý vítr)*, de Antunes da Silva.

Depois do ano 1968, a situação política instável do país complicou o desenvolvimento das traduções e causou uma pausa prolongada. Até aos anos 80, foram publicadas duas obras de alta qualidade, as últimas da época do neorrealismo português: *O homem disfarçado (Muž s maskou⁵)* e de Fernando Namora, em 1982.

Encontramos algo muito semelhante também num livro universitário de textos sobre «literatura mundial», do ano de 1987, para os estudantes do terceiro ano da Universidade Carolina, em Praga, que representa o neorrealismo português como uma literatura revolucionária e oposta ao regime salazarista, e que luta muitos anos com a literatura presencista, «indiferente aos problemas das classes da sociedade»⁶ (Fischer, 1987: 185-188).

No mesmo ano foi traduzida e publicada a última obra do neorrealismo português: *Uma abelha na chuva (Včela v dešti⁷)*, de Carlos de

³ «Leão Penedo je jedním z nejvýraznějších představitelů portugalského neorealismu, hnutí, které vzniklo ve čtyřicátých letech v Coimbre jako reakce proti literární skupině kolem revue *Presença*, zabývající se skoro výhradně psychologickými a metafysickými problémy a zanedbávající sociální a národní problémy země».

⁴ Publicação com uma tiragem de 10.000 exemplares.

⁵ Foram duas as edições desse livro: a primeira foi no ano 1979, pela editora Svoboda, em Praga, traduzida por Pavla Lidmilová e com uma tiragem de 18.000 exemplares; a segunda foi no ano de 1982, pela de editora Pravda, em Praga, traduzida por Ladislav Franek e com uma tiragem de 10.000 exemplares.

⁶ Comparando: «Proti artistní tvorbě spisovatelů kolem revue *Presença* reagoval společenskokritický program neorealistických autorů...».

⁷ Teve uma tiragem de 34.000 exemplares, mas a novela foi uma parte da antologia de cinco novelas *Pět portugalských novel* da Odeon editora.

Oliveira. No posfácio escrito por tradutora Pavla Lidmilová podemos encontrar algumas palavras sobre o outro e mais tardio romance do autor, sobre a Finisterra. O romance do ano 1978 é ainda adicionado ao neorrealismo também com a ênfase dada à «a continuidade inteira e permanente do neorrealismo literário português»⁸ (Lidmilová, 1987: 289).

Curiosamente, não foi traduzida nenhuma poesia portuguesa da época do neorrealismo. Apesar de ser difícil falar da «poesia neorrealista», por exemplo Carlos de Oliveira como poeta foi muito ativo naquela época, tendo publicado obras excelentes como *Turismo* (1942) ou *Mãe pobre* (1945).

Nas enciclopédias comuns ou nos dicionários literários checos, o termo «neorrealismo» foi caracterizado assim, ou foi comparado com o neorrealismo italiano, muito mais tardio e ideologicamente diferente. Na maioria dos casos, o termo «neorrealismo português» não foi mencionado. Se foi, muitas vezes apareceu nos capítulos dedicados à literatura brasileira e foi entendido que o neorrealismo brasileiro foi uma das fontes da inspiração.

5. Conclusão

Nos anos 1950-1970, foi traduzida do português para o checo quase uma dúzia de obras

de literatura neorrealista. Os títulos individuais tiveram uma tiragem relativamente elevada. O seu foco ideológico estava de acordo com o realismo socialista, promovido naquela época no Bloco de Leste. Muitos escritores portugueses, que começaram a escrever sob o neorrealismo, escreveram depois prosa de alta qualidade estética no estilo simbólico, como, por exemplo, Carlos de Oliveira, ou existencialista, como por exemplo, Fernando Namora ou Vergílio Ferreira. Graças aos epílogos com traços da ideologia comunista dos tradutores e dos cientistas literários, foi possível enriquecer a literatura checa na época de opressão e manter os laços culturais entre ambos os países.

Bibliografia

- Gomes, S.P. (1951). Říční ramena. (Trad. de Vladimír Haut). Československý Spisovatel. Praha;
- Fischer, J.O. (1987). *Světová literatura*. Státní pedagogické nakladatelství. Praha;
- Fitzgibbon, V.C. (2013) Estado e resistência cultural: o caso do Neorrealismo português. *Nau Literária: crítica e teoria da literatura*, **9** (1);
- Hampejs, Z. (1958). Epílogo — Leão Penedo. Em: L. Penedo. *Lisabonský příběh*. (Trad. de Zdeněk Hampejs). Naše vojsko. Praha;
- Ijezuitov, A.N. (1986). *Teoretické problémy socialistického realismu*. (Trad. de Eva Mrhačová). Lidové Nakladatelství. Praha;
- Janáček, P. (2007). Socialistický realismus: Co s ním? *Kulturní Týdeník A2*. **22**: 16-17;
- Klíma, J. (1996). *Dějiny Portugalska*. Nakladatelství Lidové Noviny. Praha;
- Lidmilová, P. (1987). «Proměny století v portugalské novele» Epílogo. In *Pět portugalských novel*. Antologia de novelas. Odeon. Praha;

==

⁸ «[dokazuje] trvalou vnitřní kontinuitu portugalského literárního neorealismu».

Namora, F. (1958). *Pšenice a koukol*. (Trad. de Eugen Spálený, epílogo de Zdeněk Hampejs). SNKLHU. Praha;

Namora, F. (1982). *Muž s maskou*. (Trad. de Ladislav Franek). Pravda. Praha;

Oliveira, C. de (1987). *Včela v dešti*. (Trad. de Marie Adámková). In *Pět portugalských novel*. Antologia de novelas. Odeon. Praha;

Penedo, L. (1958). *Lisabonský příběh*. (Trad. e epílogo de Zdeněk Hampejs). Naše Vojsko. Praha;

Peterka, J. e Mocná, D. (2004). *Encyklopedie literárních žánrů*. Paseka. Praha;

Redol, A. (1949). *Přístav Manso*. (Trad. de Marie Fliegerová, epílogo de Donát Šrajter). Československý Spisovatel. Praha;

Redol, A. (1951). *Fanga*. (Trad. de Zdeněk Hampejs). Československý Spisovatel. Praha;

Ribeiro, A. (1963). *Když vyjí vlci*. (Trad. de Luděk Kult). SNKLU. Praha;

Šámal, P. (2001). Poznámky k myšlení o literatuře v letech 1945-1948. Em: *Z dějin českého myšlení o literatuře 1 (1945-1948)*. Ústav pro českou literaturu Akademie věd ČR. Praha;

Silva, A. da (1982). *Krutý vítr*. (Trad. de Pavla Lidmilová, epílogo de Zdeněk Hampejs). (2.^a ed.). Svoboda. Praha;

Torres, A.P. (1977). *O movimento neorrealista português na sua primeira fase*. Lisboa. Instituto da Cultura e Língua Portuguesa.